

# DE QUE TIPO DE ORGANIZAÇÃO NECESSITAMOS?

*Eric Sachs*

**1.** Evidentemente, e esse ponto é pacífico, necessitamos de uma organização de comunistas, concretamente de uma organização de comunistas que atua na situação peculiar das lutas de classes no Brasil no início da década de 80. Portanto, não podemos querer copiar modelos de organizações de outros países e de outras épocas. Temos, nós mesmos, de encontrar as formas de organização mais eficientes nas circunstâncias em que estamos militando.

No passado, e para muitas organizações ainda no presente, estava em voga o modelo do "partido bolchevique" ou "leninista". A chave desse modelo era o "Que Fazer?", de Lênin, livro de cabeceira de tantas gerações de revolucionários que sonharam formar a verdadeira vanguarda do proletariado. Não conseguiram mais do que formar seitas. As condições nas quais militavam tinham muito pouco em comum com as que deram lugar a "Que Fazer?". O próprio Lênin, em 1915, quando reeditou o seu livro e outras publicações do tempo da fundação do POSDR, escreveu um prefácio com o título "Doze anos depois", muito pouco conhecido pelos nossos "bolcheviques-leninistas". A tônica desse prefácio era que o modelo do "Que Fazer?" estava adaptado às condições das lutas de classes na Rússia Tzarista e das condições reinantes em 1903. Ele mesmo se recusava a canonizar o modelo do "Que Fazer?" como válido em todas as circunstâncias. Posteriormente, com a fundação da Internacional Comunista, os partidos não russos se organizavam à base das chamadas "vinte e uma condições", adotadas no 2º Congresso da IC, mas essas "condições" eram, antes de tudo, políticas. As formas organizatórias apropriadas às lutas de classes de cada país, os próprios países tinham de encontrar e desenvolver. E nós, hoje, não podemos agir diferente.

A exaltação do modelo "bolchevique-leninista" do Partido já é resultado da degenerescência da Internacional, quando depois da morte de Lênin os epígonos Zinoviev, Stalin, e Trotsky disputavam o papel de melhor discípulo do mestre. Era o início do dogmatismo teórico, que deu no que tinha de dar, quando princípios pré-estabelecidos se chocam com a realidade dos fatos. Isso não é, evidentemente, o nosso caso.

**2.** Não podemos, portanto. Apresentar aqui um modelo pronto de organização revolucionária. Podemos traçar as linhas mestras que terão que ser comprovadas na prática da luta e sujeitas a modificações na medida em que mude essa prática. O que entendemos por organização comunista é uma organização revolucionária em condições de desempenhar o mesmo papel que os bolcheviques, por exemplo, desempenharam na história de seu país.

Tomando as condições concretas nas quais estamos desenvolvendo a nossa militância, impõe-se a conclusão de que só podemos atuar como uma organização de quadros. Estamos longe ainda da perspectiva da formação de um partido comunista de massas. Uma das particularidades da situação criada com a "abertura", e isso é novo e positivo, é que atuamos no seio de organizações de massas, como o PT e as Oposições Sindicais, que até certo ponto refletem o nível de consciência da classe operária. Nossa atividade nesses organismos de massas não visa "conquistá-los", nem ocupar postos de comando, mas contribuir para que amadureçam, na medida em que o proletariado colha nova experiência nas lutas cotidianas. Não se trata, portanto, da afamada tática do "entrismo", mas de uma luta a prazo, à qual temos que adaptar ainda a estrutura da O. Ainda não criamos

uma estrutura adequada à situação, mas temos de partir de premissas de que não deve ser rígida demais para que nos isole nos organismos de massas, nem deve afrouxar até um ponto em que nós nos dissolvamos nas massas. Essa estrutura tampouco pode ser projetada na mesa: terá que ser resultado da experiência que colhermos na luta.

**3.** A fase leninista da IC, porém, deixou uma herança que conserva a sua validade. Uma organização de comunistas tem uma estrutura democrática. Essa democracia se baseia na vida das células. São elas, em última instância, que decidem a política e a atuação diária da Organização. Isso implica em uma vida coletiva e decisões coletivas, excluindo atividades e atitudes individuais ou individualistas. As decisões tomadas nos diversos níveis são discutidas e tomadas pela maioria.

Um complemento necessário dessa democracia revolucionária nas bases é a ação centralizadora da Direção. Decisões uma vez tomadas, como resultado, devem ser postas em prática pela Organização toda, e aí cabe à direção tomar as necessárias iniciativas. A direção é responsável tanto pelo procedimento democrático dos debates, quanto pela execução das resoluções. Democracia – lembra Lênin – supõe a existência de uma maioria e de uma minoria e a submissão da minoria às decisões majoritárias. Na militância comunista, porém, a submissão passiva não basta. O centralismo democrático implica no empenho coletivo para a execução das resoluções tomadas.

**4.** A ação coletiva, portanto, é a base da militância da Organização. Isso deve excluir a possibilidade de divergências internas serem levadas para fora da organização, a não ser que o coletivo decida travar as discussões em público. Deve excluir, igualmente, a possibilidade de militantes da Organização falarem com vozes diferentes ou polarizarem entre si em público. Toda ação e toda tomada de posições têm que ser discutidas antes da atuação pública – o que é possível na maioria das vezes – e onde surgirem casos e problemas imprevistos, as soluções devem ser encontradas sem quebra da solidariedade entre os militantes.

**5.** A Organização atua como uma equipe e esta supõe uma divisão de tarefas, a coordenação de atividades qualitativamente diferentes. No atual estágio do desenvolvimento, já precisamos de agitadores, propagandistas e organizadores. Mas necessitamos, igualmente, de especialistas em questões sindicais, trabalho de bairro, encarregados de imprensa e de finanças. Numa organização pequena, marginalizada, todo militante é “pau para toda obra”. O resultado é a pouca capitalização do trabalho. Na medida em que uma organização cresce e cria raízes, impõe-se uma especialização nas diversas atividades – fenômeno que não se dá da noite para o dia.

**6.** Não é de hoje que falamos da necessidade de uma mudança da composição orgânica da O. – só que hoje as possibilidades são muito reais. O recrutamento de quadros operários torna-se imperativo para a O. poder desempenhar o papel a que aspira. Não estamos nos referindo ao tipo de “operário – padrão”, que sempre existiu nas organizações de esquerda e que, pelo seu isolamento no meio de intelectuais e estudantes, freqüentemente se desligava de sua classe. Tampouco se trata de recrutar operários pelo simples fato de serem operários. O que precisamos é de quadros operários, isto é, lideranças de fato ou em potencial. Temos de criar uma convivência entre operários e intelectuais revolucionários no seio da O., na qual ambas as partes encontrem uma linguagem comum, permutam conhecimentos e experiência e se complementam na militância diária.

**7.** Isso coloca o problema da formação política dos quadros. Nos últimos anos, depois da “abertura”, uma avalanche de problemas práticos colocou em segundo plano a vida política interna da O. Isso, talvez, fosse inevitável, mas essa situação

não pode perdurar sem causar sérios obstáculos para a qualidade da militância. Um desnivelamento político torna-se, igualmente, um obstáculo para a democracia interna da O. que exige que os quadros exerçam sua voz ativa à base de experiência e conhecimento de causa.

**8.** Não há futuro com uma organização cujos militantes “não tem tempo” para a sua formação. E sob formação política não entendemos somente o estudo dos chamados “documentos básicos” da O. Inclui, igualmente, o estudo dos clássicos: Marx, Engels, Lênin, Rosa Luxemburgo, e a absorção da experiência de mais de um século de lutas de classes em escala internacional. Cabe à direção da O. promover sistematicamente a formação dos quadros, mas a iniciativa não pode ser deixada paternalisticamente a cargo das lideranças. Espera-se dos quadros que organizem a sua vida de tal maneira que encontrem o tempo necessário para o estudo e sua formação.

**9.** Nenhuma organização revolucionária nasce pronta. Nasce amadurecendo na luta, absorvendo experiência. E em toda a fase da luta a O. deve saber avaliar o grau de amadurecimento que atingiu, quais as tarefas que já está em condições de enfrentar. A tática diária está baseada em relações de forças existentes, e se perdermos isso de vista criaremos ficções, como já se criou no passado. E não pretendemos repetir a nossa história.

**10.** A fusão regional cria um ponto de partida mais favorável para a intervenção de fato da O. nas lutas de classes. Trata-se, evidentemente, de uma tarefa que terá que ser enfrentada em escala nacional, mas o fato de se dar no momento em escala regional não diminui a sua importância. A região torna-se um laboratório do país.

*(Texto publicado no Boletim Interno nº 20 da Secretaria Nacional da OCML – PO, em outubro de 1981. Digitalizado e revisado em mar/2009, com base em cópia mimeografada original da época).*

\*\*\*\*\*